

Dominique Chenu OP: a teologia terrestre!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/ Dept. Filosofia -UFF



Dominique Chenu

Marie-Dominique Chenu nasceu em Soisy-sur-Seine, nas proximidades de Paris, aos 7 de janeiro de 1895. Concluída a escola elementar, ingressou no seminário. Depois de alguns anos, sentiu-se chamado à vida religiosa e tornou-se dominicano. Seu ingresso na Ordem dos Pregadores ocorreu em 1913. Sobre o significado desse passo, Chenu nos deixou o seguinte testemunho: *Em tal passo, havia uma aspiração à vida contemplativa que comportava uma separação muito profunda. Recebi assim uma luz interior que me incitava à vida contemplativa e à separação que ela exige. No meu caso, a separação concretizou-se de maneira mais brutal do que habitualmente, pelo fato de que, para poder seguir o meu chamado, tive que sair da França. Hoje, essa partida, esse exílio, se vos agrada chamá-lo assim, não significaria grande coisa. Mas, naquele tempo, recorro a emoção dos meus pais quando parti para uma nação estrangeira, a Bélgica. Isso representava um corte muito abrupto, de maneira que o isolamento do convento e meu afastamento para o exterior traduziam, de modo ainda mais preciso, a separação do mundo que a vida contemplativa comporta.* O noviciado, obviamente, contribuiu para reforçar ainda mais essa concepção de vida contemplativa como vida de separação do mundo. Mas o jovem Chenu não tardou a perceber a falta de atualidade de tal concepção. “Concluído o noviciado”, confidenciou-nos ele mesmo, “retomei à França. Um dia, em Paris, tive oportunidade de passar pela Rue du sentier, o coração do mundo dos negócios. Tinha vinte anos. Fui brutalmente tomado por um movimento de defesa de minha vida contemplativa. Perguntei-me: ‘Que coisa se faz lá dentro?’ Mas veio-me logo a resposta: ‘É para isso, é exatamente para estes que eu sou enviado! Retomar ao mundo, eis a lei da minha vida, incluindo também a da minha perfeição pessoal’. Esse é um dos traços típicos da minha vocação, como também de minha missão de teólogo. Eu ainda iria reviver a mesma experiência mais tarde, ao passar pelo aglomerado industrial de Lille-Roubaix-Tourcoing, quando tive o mesmo sentimento de uma missão a cumprir pelo mundo. Assim, hoje compreendo melhor essa interação da vida contemplativa, que me protegeu do tumulto e da dispersão, com a presença no mundo, sem a qual o teólogo não poderia realizar sua missão. “Se, em algumas circunstâncias de minha vida, mantive-me firme e suportei certas coisas, não o fiz tanto devido à minha perfeição pessoal quanto pela aspiração, o desejo de realizar essa missão por aqueles que estavam à espera dos seus benefícios.” Esse testemunho é muito belo, e eloquente por si

mesmo, para que ousemos empaná-lo com nossas considerações. Concluído o noviciado, depois de uma breve estadia em sua pátria, Chenu foi enviado a Roma, ao Colégio Angélico, para realizar seus estudos filosóficos e teológicos. Lá teve por mestre o célebre Garrigou-Lagrange, que o introduziu no estudo aprofundado de são Tomás de Aquino. Concluiu seus estudos teológicos em 1920, obtendo o doutorado em teologia. No mesmo ano, foi nomeado professor da faculdade de teologia de Le Saulchoir (nas proximidades de Paris). Naqueles anos, estava em curso por toda parte, mas especialmente na França, na Itália e na Alemanha, uma grande retomada dos estudos sobre a Idade Média. Um dos centros propulsores desse despertar era exatamente o convento em que nosso teólogo ensinava. Em Le Saulchoir estavam na época alguns dos melhores medievalistas e tomistas daquele tempo: Gardeil, Hérís, Mandonnet, Roland-Gosselin. Com eles, Chenu empreendeu a renovação do estudo de são Tomás e dos demais mestres do pensamento medieval, aplicando às suas obras o método histórico. Algumas das mais belas e importantes obras do nosso autor são fruto dessa investigação: *Introduction à l'étude de saint Thomas* (1950); *La théologie comme science au XIIIe siècle* (1942); *La théologie au XIIe siècle* (1957). Mas o interesse de Chenu não estava voltado apenas para o passado. Sua vocação, como já vimos, levava-o a se ocupar dos problemas atuais da humanidade. Inclusive seus estudos históricos eram colocados a serviço dessa causa, pois lhe forneciam preciosos ensinamentos de como a teologia deve enfrentar as tarefas que lhe são impostas pela situação presente. Suas reflexões sobre a situação atual da teologia e suas novas tarefas, foram coligidas no pequeno livro *Une école de théologie* (1937). Apesar de distribuído *pro manuscripto*, em poucos exemplares, esse escrito alcançou uma certa notoriedade e atraiu a atenção das autoridades eclesiásticas. Em 1942, foi colocado no *Index*. Padre Chenu soube do fato pelo rádio. O golpe foi particularmente grave e penoso, porque naquele momento ele era o reitor do convento (fora nomeado em 1932). Entretanto, suportou o golpe com admirável espírito de fé. Naquela noite se apresentou no refeitório e colocou seus frades a par do acontecido. E o fez com muita simplicidade e humildade. Depois, concluiu: "Evidentemente, um homem condenado pela Igreja não pode mais ser vosso superior. Sendo impossível comunicar-me com o Superior Geral da Ordem, esta noite entregarei minha demissão do cargo às mãos do arcebispo de Paris". À noite, apresentou-se ao cardeal Suhard, que o recebeu afetuosamente e lhe disse: "Não se inquiete, padre. Dentro de vinte anos, todos nós falaremos como Você". Mas por que motivo *Une école de théologie* fora condenado? As razões não estão claras. Padre Congar escreveu: Ainda hoje (vinte e três anos depois do acontecido), depois de ter interrogado e procurado, depois de tomar conhecimento de muitos detalhes, sinto-me tão

ofendido diante de tanto contra-senso e incompreensão que não consigo ver nesse caso nada além de um erro ou de um golpe malvado sem Justificativa. A condenação teve conseqüências as mais dolorosas para o nosso teólogo: além do cargo de reitor, teve que abandonar também o de professor. Ademais, teve também que deixar Le Saulchoir e tomar o caminho do exílio. Ficou por muitos anos forçado à inatividade. Isso pode ser constatado com uma simples olhada em sua bibliografia: de 1940 a 1950, encontramos pouquíssimas publicações e assim mesmo todas de modestas dimensões. Depois da guerra, em 1946, foi nomeado professor da Sorbonne, onde permaneceu até 1953. Em seguida, foi reincorporado ao corpo de ensino de Le Saulchoir. Foi o início de sua reabilitação. Esta, porém, nunca foi completa. Prova disso é o fato de que o padre Chenu só pôde participar do Concílio Vaticano II na qualidade de perito pessoal de um bispo de Madagascar. O que, contudo, não o impediu de ser um dos teólogos mais apreciados e ouvidos durante o conclave conciliar. Foi substancial sua contribuição à elaboração do Esquema XIII.

Só para dar uma idéia do elevado prestígio de que goza no mundo da cultura, recordarei alguns dos cargos por ele exercidos: diretor do *Bulletin thomiste* de 1924 a 1934; diretor da *Revue des sciences philosophiques et théologiques* de 1928 a 1934; fundador do *Institut d'études médiévales*, anexo à Universidade de Montreal (em 1932); membro da *Société de philosophie*, de Lovaina; presidente da *Société thomiste*; colaborador de numerosas revistas de teologia, filosofia e história; consultor do Secretariado para os não-crentes.

apud Battista Mondin, *Os grandes teólogos do século XX*. São Paulo: Paulus, 2003, 547-586..